

Educação de jovens e adultos: interfaces entre a escola e o trabalho em contextos de mudanças tecnológicas

Youth and adult education: interfaces between school and work in a context of technological changes

Educación de jóvenes y adultos: interfaces entre la escuela y el trabajo en los contextos em cambios tecnológicos

Diane Mendes Feitosa

Universidade Federal do Piauí

diane.feitosa@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-5159-648X>

Maria da Glória Carvalho Moura

Universidade Federal do Piauí

glorinha_m@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-3686-9133>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir as interfaces entre escola e trabalho e as implicações dessa relação na Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de ensino inserida em um contexto de mudanças tecnológicas. No sentido de trazer reflexões acerca desta temática, estabeleceram-se as seguintes perguntas para nortear o estudo: Qual a relação entre educação, escola e trabalho nas sociedades contemporâneas? Quais as perspectivas e os dilemas enfrentados pelas escolas da Educação de Jovens e Adultos no contexto de mudanças tecnológicas? Para responder as inquietações realizou-se uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como: Moura; Lima Filho; Silva (2015), Lima Filho (2010) Saviani (2007), Gallo (2006), Gatti (2005), Fernández Enguita (1989), Frigotto (1989), Carvalho (1998), dentre outros que abordam a temática em questão. Também foram utilizadas como referências: Barcelos (2007), Paiva (1997), Moura (2006, 2007), que investigam especificamente o papel da escola que trabalha com pessoas jovens e adultas. Os estudos apontam que o mundo contemporâneo apresenta características e demandas peculiares que fazem do ato educativo cada vez mais complexo que requer a construção de novas estratégias no sentido de desenvolver indivíduos capazes de responder às exigências individuais e coletivas de sobrevivência diante das transformações científicas e tecnológicas. O respeito às diferenças, a organização de um currículo sistematizado coletivamente, que valorize os saberes produzidos pela classe trabalhadora estão no centro do debate sobre as transformações provenientes das mudanças tecnológicas contemporâneas, pois repercutem diretamente nas escolas da Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Escola. Mudanças tecnológicas. Trabalho.

ABSTRACT

This article aims to discuss the interfaces between school and work and the implications of this relationship in the Education of Young and Adults, as a teaching modality inserted in a context of technological changes. In order to bring reflections on this subject, the following questions were set to guide the study: What is the relation between education, school and work in contemporary societies? What are the perspectives and dilemmas faced by schools geared towards youth and adult education in the context of technological change? To answer these concerns, a qualitative bibliographical research based on authors such as: Moura; Lima Filho; Silva (2015), Lima Filho (2010) Saviani (2007), Gallo (2006), Gatti (2005), Fernández Enguita (1989), Frigotto (1989), Carvalho (1998), among others that approach the theme in question. They were also used as references: Barcelos (2007), Paiva (1997), Moura (2006, 2007), who specifically investigate the role of the school that works with youth and adults. He studies show that the contemporary world presents peculiar characteristics and demands that make the educational act increasingly complex, requiring the construction of new strategies in the sense of developing individuals capable of responding to the individual and collective demands of survival in the face of scientific and technological transformations. It was concluded that respect for differences, the organization of a collectively systematized curriculum that values the knowledge produced by the working class is at the center of the debate about the transformations coming from contemporary technological changes, as they have a direct impact on the schools of Youth and Adult Education.

Keywords: Job. School. Technological changes. Youth and Adult Education.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir las interfaces entre la escuela y el trabajo y las implicaciones de esta relación para la educación de jóvenes y adultos como modalidad de enseñanza en un contexto de cambios tecnológicos. Con el fin de aportar reflexiones sobre este tema, se establecieron las siguientes preguntas para orientar el estudio: ¿Cuál es la relación entre educación, escuela y trabajo en las sociedades contemporáneas? ¿Cuáles son las perspectivas y dilemas que enfrentan las escuelas enfocadas en la educación de jóvenes y adultos en el contexto de los cambios tecnológicos? Para dar respuestas a estas inquietudes, se realizó una investigación bibliográfica basada en autores como: Moura; Lima Filho; Silva (2015), Lima Filho (2010) Saviani (2007), Gallo (2006), Gatti (2005), Fernández Enguita (1989), Frigotto (1989), Carvalho (1998), entre otros que abordan el tema en cuestión. También se utilizaron como referencia autores como: Barcelos (2007), Paiva (1997), Moura (2006, 2007), los cuales investigan específicamente el papel de la escuela que trabaja con jóvenes y adultos. Los estudios indican que el mundo contemporáneo tiene características y demandas peculiares que hacen cada vez más complejo el acto educativo, lo que requiere la construcción de nuevas estrategias para desarrollar individuos capaces de responder a las demandas individuales y colectivas de supervivencia frente a las transformaciones científicas y tecnológicas. Se concluye que el respeto a las diferencias, la organización de un currículo sistematizado colectivamente, que valora los conocimientos producidos por la clase trabajadora, están en el centro del debate sobre las transformaciones derivadas de los cambios tecnológicos contemporáneos, pues reflejan directamente en las escuelas de educación de jóvenes y adultos.

Palabras clave: Cambios tecnológicos. Educación de Jóvenes y Adultos. Escuela. Trabajo.

Introdução

As sociedades contemporâneas exigem, necessariamente, uma educação comprometida com o diálogo, o respeito, a diversidade, às transformações sociais e ao mundo do trabalho. Esse contexto de mudanças é caracterizado por incertezas e uma complexidade que atinge o homem nos mais variados aspectos, principalmente no campo educacional (FLECHA; TORTAJADA, 2000). Com isso, surge a concepção de educação que tenha a capacidade de visualizar as dimensões técnica, política e ética na prática pedagógica. Nesse contexto, é imprescindível um trabalho educativo nas escolas fundamentado na concepção reflexiva em que o educador busque, utilize e produza conhecimentos e desenvolva estratégias de ensino voltadas para o sujeito que aprende (TACCA, 2008).

Nas escolas que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), esse diálogo e reflexão parte das experiências adquiridas ao longo da trajetória da vida, pois são aspectos que interferem no processo ensino-aprendizagem dos estudantes e devem ser considerados pelos educadores. Ensinar jovens e adultos requer a existência de modelos conceituais específicos e uma postura docente que respeite as especificidades desses alunos.

Tais questões traduzem a importância de ressignificar a prática e a formação dos educadores da educação de jovens e adultos para que possibilitem reflexões sobre o contexto das transformações tecnológicas, visando desenvolver no seu alunado competências indispensáveis para o enfrentamento das exigências do mundo do trabalho e para a participação na sociedade.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é discutir as interfaces entre escola, trabalho e as implicações dessa relação na Educação de Jovens e Adulto inserida em um contexto de mudanças tecnológicas. No sentido de trazer reflexões acerca desta temática, estabeleceram-se as seguintes perguntas para nortear o estudo: Qual a relação entre educação, escola e trabalho nas sociedades contemporâneas? Quais as perspectivas e dilemas enfrentados pelas escolas voltadas para a educação de jovens e adultos no contexto de mudanças tecnológicas?

Com o intuito de responder aos questionamentos, realizou-se um estudo bibliográfico. Segundo Lima e Mito (2007), a pesquisa bibliográfica é conjunto sistematizado de procedimentos que tem como objetivo buscar explicações para um objeto de estudo. Assim, a finalidade desse tipo de investigação é realizar um

levantamento das discussões produzidas sobre a temática, possibilitando que se conheçam as teorias elaboradas cientificamente para compreender uma determinada problemática.

Para fundamentar o estudo, o diálogo foi realizado com autores tais como: Moura, Lima Filho e Silva (2015), Lima Filho (2010), Saviani (2007), Gatti (2005), Fernández Enguita (1989), Frigotto (1989), Carvalho (1998) que discutem aspectos relacionados à interface educação, escola trabalho. Foram utilizados também como referências Barcelos (2007), Paiva (1997), Moura (2006, 2007), e outros estudiosos que investigam o papel da escola que trabalha com jovens e adultos.

Para apresentar o diálogo com os autores de forma mais sistematizada, estruturaram-se as ideias da seguinte forma: discutem-se a relação entre educação, escola, trabalho e os desafios da contemporaneidade. Em um segundo momento, refletem-se sobre as peculiaridades dos alunos da EJA. Apresentam-se, em seguida, algumas perspectivas e desafios da Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de ensino da educação básica.

Educação, escola e trabalho: desafios da contemporaneidade

A educação é uma característica ontológica do ser humano. Parafraseando Kant (1996), a espécie humana para tornar-se homem necessita vivenciar o processo educativo. Saviani (2007) diz que o homem não nasce homem. Humaniza-se nas relações estabelecidas com os outros homens. A educação é o elemento que faz a mediação entre o homem e a apropriação da herança cultural e histórica produzida pela humanidade, articulando a intencionalidade de transformar e humanizar (PARO, 2011).

O homem necessita da educação para atingir sua constituição humana, pois sua natureza exige o processo educativo para não continuar num estágio de animalidade. A educação constitui, portanto, um projeto de humanização construído nas relações que estabelece com seus semelhantes, caracterizadas como uma necessidade ontológica do ser humano.

Nesse projeto de humanização, o homem necessitou produzir sua própria subsistência, visto que esta não é garantida pela natureza. Desse modo, teve de ser produzida pelos próprios homens através do trabalho. A relação entre trabalho e educação torna-se, portanto, uma relação de construção de identidade, pois à medida que aprendiam a produzir sua existência, no próprio ato de produzi-la, os homens “[...] apropriavam-se coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo educavam-se e educavam as novas gerações” (SAVIANI, 2007, p.154).

Sobre o processo histórico de separação entre trabalho e educação, o autor supracitado discute aspectos relacionados às modificações que se configuraram com a divisão da sociedade em classes que, além de modificar as relações de trabalho existentes nas sociedades primitivas, trouxe em seu bojo uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de trabalho. A partir daí houve a necessidade de uma instancia específica, que recebeu o nome de escola e que foi sendo institucionalizada até atingir, na contemporaneidade, um alto grau de complexidade. Assim, o desenvolvimento da sociedade de classes, consumou a separação entre educação e trabalho. A partir dessa configuração, emerge uma nova forma de educar que se destaca “[...] em contraposição àquela inerente ao processo produtivo. Pela sua especificidade, essa nova forma de educação passou a ser identificada com a educação propriamente dita, perpetrando-se a separação entre educação e trabalho” (SAVIANI, 2007, p. 155).

Nesse processo, surgem duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária dos bens de produção, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não proprietária, voltada para escravos; a primeira centrada nas atividades intelectuais e outra nas atividades manuais. Partindo dessa proposição, destaca-se a seguinte reflexão: qual é o papel da escola no âmbito das sociedades capitalistas que proporcionam essa educação dualista, ou seja, uma para a elite e outra para os trabalhadores assalariados?

De acordo com Fernández Enguita (1989), a escola pode ser um instrumento para suprimir essas contradições existentes no âmbito das sociedades capitalistas. Para tanto, seu papel é desenvolver a capacidade de iniciativa, o exercício da autonomia, a criatividade, a tomada de decisões e formação para o exercício da cidadania.

A forma como a escola está organizada não permite que se pergunte sobre a relevância social do que nela está sendo aprendido ou o que seria relevante aprender. Tem-se uma escola classista e desconectada da vida dos sujeitos que nela estão sendo formados, que separa o trabalho intelectual e trabalho manual, trabalho simples e trabalho complexo, cultura geral e cultura técnica, enfim, “[...] uma escola que forma seres humanos unilaterais, mutilados, tanto das classes dirigentes como das subalternizadas” (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2015, p.1059). A partir dessa compreensão, é possível afirmar que o sistema escolar tradicional como está estruturado, não possui mobilidade necessária para atender aos interesses da classe trabalhadora. Segundo Frigotto (1989, p. 225),

[...] a escola tal e qual é gerida pela burguesia—uma escola que discrimina, que nega o saber da classe dominada e que a impede de expressar esse saber bem como ter acesso ao saber elaborado e sistematizado ou lhe dá apenas acesso parcial que inculca como universal a visão burguesa da realidade—não atende os interesses da classe trabalhadora.

Nessa perspectiva, a escola caracteriza-se como um espaço ambíguo, pois é mesmo ao tempo improdutiva e produtiva. Improdutiva porque é ineficiente para a classe trabalhadora porque limita, exclui e nega o saber elaborado pelos trabalhadores. É produtiva porque ao impedir o acesso da classe trabalhadora ao saber elaborado, cumpre a função de manter as desigualdades do sistema capitalista permeado por diversas mudanças tecnológicas.

Carvalho (1998) enfatiza que o mundo contemporâneo é permeado por incertezas e inseguranças oriundas de um momento complexo que afeta a vida das pessoas, interferindo substancialmente na vida psicológica, social, cultural e do trabalho. Daí emerge uma séria crise de valores e uma instabilidade social, tendo em vista que “[...] os padrões tradicionais não são mais aceitos, uma vez que não se adaptam às novas condições de vida; porém não foram construídos outros padrões de orientação diante das possibilidades dadas pelos recursos tecnológicos disponíveis” (CARVALHO, 1998, p. 98).

Para a autora, é imprescindível que haja um rompimento com a visão cartesiana da construção do saber e da tecnologia. Para tanto, é necessário rever a forma como as instituições escolares estão estruturadas e a elaboração seus currículos, visto que refletem a fragmentação do conhecimento e uma visão reducionista da vida social, além de demonstrar a hierarquização das ciências. A proposta de Carvalho (1998) para a escola é fugir do enfoque cartesiano, que reforça os reducionismos e a visão determinista da ciência, e propicie uma formação que possibilite uma visão mais completa, que contemple os aspectos humanistas e tecnológicos em que os sujeitos são considerados a partir de suas diferenças e necessidades.

Nessa mesma linha de pensamento, Souza (2009) diz que o contexto social contemporâneo é caracterizado por uma situação de diversidade cultural ou pluriculturalismo, fruto dos processos da pós-modernidade/mundo. Esse contexto traz em seu bojo diversos desafios, dentre os quais questões relativas às possibilidades de convivência dos diferentes com suas diferenças. Diante do exposto, defende a tese de que a diversidade cultural pode possibilitar um diálogo inter e intracultural na construção de processos educativos com as camadas populares ou setores subalternizados, de forma a

promover o desenvolvimento do educando em sua totalidade, ou seja, nos aspectos intelectual, emocional, físico, imperativo e laboral.

Moura, Lima Filho e Silva (2015) defendem uma escola sob a égide da educação politécnica, proposta por Marx, compreendida como uma formação integral do homem, que abrange as dimensões intelectual, física e tecnológica. Nessa perspectiva, há uma indissociabilidade entre educação do corpo, educação intelectual e educação tecnológica.

Gallo (2006) não trata especificamente sobre a escola, porém realiza discussões sobre elementos importantes para o debate sobre a tensão modernidade/pós-modernidade que interferem na compreensão dos processos educativos nas instituições escolares. O autor discute as ideias de Nietzsche, que fez a crítica ao uso da razão tomada como absoluta e com isso coloca no centro do debate os procedimentos de universalização e objetividade do conhecimento moderno.

As ideias de Nietzsche giram em torno das críticas que fez ao uso da razão, tomada como absoluta. Nietzsche procura mostrar que o conhecimento é, sobretudo, vida e, com isso não pode ser desligado do mundo, por mais que tentemos transformá-lo em formas puras e abstratas. Assim, em nome de sua suposta objetividade, abre-se mão dos afetos dos sujeitos tolhendo a capacidade criativa e intelectual.

Diante da defesa dessa tese, Nietzsche aponta a questão da multiplicidade de olhares, de afetos sobre o objeto no qual o pesquisador se debruça como principal desafio aos 'homens de conhecimento'. Isso requer outra atitude com relação à produção do conhecimento que "[...] implica num outro tipo de trânsito por entre os campos disciplinares, que já não dão conta da multiplicidade do mundo, que insiste em escapar por entre os vãos das grades disciplinares" (GALLO, 2006, p. 552).

Para Gallo (2006) o grande desafio imposto aos homens por esse novo contexto de mudanças tecnológicas é viver de forma criativa e produtiva, investigando seus aspectos políticos e epistemológicos, de forma a descobrir caminhos e possibilidades de um projeto de educação e de escola pautado no pensamento e ação criativa/ produtiva, tendo em vista que o processo de humanização é inacabado. O homem em sua formação humana e profissional se configura como um ser que vai se formando cotidianamente em espaços diversos e necessita, portanto, de uma educação que possibilite novas formas de ser, fazer, sentir e pensar.

Para Gatti (2005) um dos grandes desafios dos estudiosos e profissionais da educação é a compreensão dos processos educacionais em nível macro, ou seja, do sistema, e micro, das escolas e salas de aula. Isso requer um processo reflexivo,

investigativo e questionador sobre aspectos da modernidade e sua possível superação para uma pós-modernidade. Tal reflexão perpassa questionamentos que envolvem a ciência, a técnica e a tecnologia.

Diante dessas discussões, a tese defendida pela autora parte do pressuposto que o mundo não saiu totalmente da modernidade e nem está totalmente em outra era. De acordo com Gatti (2005, p. 602) essa transição “[...] cria, nas relações de trabalho, vazios culturais, éticos, representacionais, que podem ser ocupados por doutrinas econômico-sociais ou religiosas, cujos impactos são incertos e causam tensões”. Refletem no âmbito da ciência em decorrência de uma crise instaurada no próprio conceito de razão. Quanto ao campo educacional, essas questões interferem nos currículos que necessitam ser revistos, pois ainda são construídos no discurso científico da modernidade, referência fixa para a organização das disciplinas curriculares.

Moura, Lima Filho e Silva (2015) discutem essas questões argumentando que na fase de desenvolvimento das forças produtivas, na qual a ciência, a técnica e a tecnologia tornaram-se pilares, sob o domínio do sistema capitalista, a escola constitui uma instituição essencial à sociabilidade humana. Diante desse pressuposto, configura-se um dos atuais desafios da escola a construção de uma nova forma de educação, modificando as relações interpessoais e a formação de seus educadores e educandos. Para tanto, deve tornar-se “[...] um lugar de palavras, gestos, silêncios, atitudes, lugar de experiências vivas e vividas” (BARCELOS, 2006, p. 22).

Urge, portanto, acompanhar o processo de mudanças sociais e tecnológicas, buscando a eficiência do processo ensino-aprendizagem e, sobretudo, a qualidade do conteúdo dessa aprendizagem proporcionada pelas escolas no sentido de garantir uma educação politécnica, visando à formação integral dos alunos.

Refletindo sobre os alunos da Educação de Jovens e Adultos

De acordo com a Constituição Federal promulgada em 1988, a educação é um direito de todos os brasileiros “dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p.1). Diante disso, pode-se afirmar que a educação é um processo amplo que ocorre em diversos espaços sociais e que visa, em última instância, a formação integral do ser humano.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), como modalidade de ensino da educação básica é um direito de todo cidadão e dever do Estado e da família, sendo “[...] assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 2009. p. 1). Além desse documento, destaca-se marco na história da EJA a Lei de Diretrizes e Base, Lei n 9394/ 96. De acordo com a LDB l, artigo 37 – A Educação de Jovens e Adultos é destinada para aqueles que não tiveram acesso e continuidade aos estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada (BRASIL, 1996).

Para garantir esse direito são imprescindíveis que sejam direcionadas intervenções e estratégias de ensino compatíveis com a realidade dos alunos. Afinal quem são os alunos da EJA? Para Arroyo (2006), a reconfiguração da EJA tem como um dos pontos de partida a compreensão das peculiaridades e necessidades dos jovens e adultos.

Os alunos que ingressam nessa modalidade de ensino geralmente são procedentes “[...] de um público que ficou durante muito tempo sonhando com o momento de retornar à escola, alimentando o desejo e expectativas de concluir algo que teve início na infância ou nem chegou a começar por falta de oportunidades” (MOURA, 2007, p. 57), ou seja, são sujeitos que construíram a sua trajetória escolar fora dos padrões definidos pela escola “regular”.

É cada vez maior o número de jovens e adultos que ingressam na EJA desmotivados, desencantados, com históricos de sucessivas evasões e repetências decorrentes de problemas relacionados a questões sociais, emocionais e principalmente ao trabalho. A Educação de Jovens e Adultos “[...] atende a um público muito específico, que por diferentes motivos teve negado o direito à educação - seja na infância, seja na adolescência- e mais tarde retorna às instituições de ensino, buscando concluir sua escolaridade” (JARDILINO, ARAÚJO, 2014, p. 164). Segundo Christofoli (2010, p. 11),

a história dessa modalidade de ensino foi construída sem articulação com todo o sistema educacional e sem ser contemplada pelas políticas públicas, transformando-se no reduto formal do nosso sistema de ensino para o qual se encaminham os excluídos deste mesmo processo.

Sobre a questão, Barcelos (2006, p. 39) diz que são “[...] grupos de pessoas que foram silenciados por longos momentos de suas vidas. São pessoas que, em alguns casos, já chegaram a internalizar que são capazes de aprender”. As instituições que oferecem turmas de EJA geralmente são constituídas por um público heterogêneo quanto à idade, gênero, profissões e expectativas de aprendizagem necessitando, portanto, de práticas pedagógicas que rompam com atitudes relacionadas ao estigma, preconceito e exclusão.

Desse modo, a contextualização é uma forma de facilitar a aprendizagem do aluno jovem e adulto. Para tanto, é fundamental que o professor tenha uma atitude proativa, expressa de diversas formas, principalmente, demonstrar preocupação em “conhecer quem são as pessoas do outro lado, os aprendizes” (DEAQUINO, 2007, p. 10).

Para o autor, é preciso estimular uma aprendizagem facilitada, que dá responsabilidade e poder de decisão ao aprendiz. Esta abordagem pode desenvolver no alunado algumas competências para enfrentar as vicissitudes, ambiguidades e desafios de um mundo caracterizado por acirradas mudanças científicas e tecnológicas.

Diante de tantas especificidades, as escolas de EJA tornam-se espaços de relações intergeracionais nos quais há possibilidades do diálogo entre saberes, de compreensão, reconhecimento, experiências, histórias vividas nos diversos espaços: escola, trabalho e comunidade, tensionadas pela diversidade cultural. Depara-se com um universo de linguagens que devem ser consideradas, ouvidas, contadas para garantir aos jovens e adultos o direito à educação, ao trabalho e à reinserção social.

Educação de Jovens e Adultos: perspectivas e dilemas

As transformações decorrentes do contexto das sociedades contemporâneas atingem o homem sob as mais diversas formas. O processo de globalização da economia configura-se por fortes contradições, mudanças de paradigmas e, principalmente, pelo acelerado processo de propagação de informações em todas as questões da vida humana, tais como: políticas, econômicas, culturais, educacionais e laborais.

No campo educacional esse cenário traz mudanças que provocam a necessidade de um novo projeto de escola e outras formas de construção do saber. Esse processo resulta na necessidade de se repensar as intervenções pedagógicas nos espaços escolares no sentido de responder as necessidades de crianças, jovens e adultos que vivem em uma sociedade caracterizada por situações múltiplas e complexas, ou seja, são sujeitos que pertencem a uma cultura na qual desempenham papéis e que precisam ser compreendidos, levando-se em conta suas dimensões individuais e coletivas.

As instituições escolares que atuam com alunos jovens e adultos apresentam uma singularidade de sujeitos com um perfil econômico, étnico, social e cultural que geram expectativas diferenciadas em relação à escola. São homens e mulheres que foram excluídos do direito à educação e “[...] fazem parte da massa de excluídos do acesso aos bens culturais e das oportunidades de trabalho, cuja formação escolar, ainda, deixa muito a desejar” (MOURA, 2006, p. 43).

Nesse bojo, as práticas pedagógicas escolares propiciam condições para “[...] dar voz a quem tem voz” (MAIA, 2008, p. 45), fazer essas vozes ser efetivamente ouvidas, para que os alunos da EJA “[...] possam ser incluídos realmente, senão continuaremos na prática inclusiva através da exclusão - segregamos e denominamos os considerados diferentes: excluímos para incluir” (MAIA, 2008, p. 145). Não se configura como uma tarefa fácil, pois se requer a construção de uma escola reflexiva na qual sejam desenvolvidas metodologias que permitam conquistar e re-encantar homens e mulheres que já passaram por várias experiências negativas em relação à escola e dela não têm boas recordações (BARCELOS, 2007). E assim:

[...] a escola dos jovens e adultos seja um espaço do encontro, onde possam falar de si, de suas experiências; trocá-las; trocar afetos e afinidades; sentimentos. Onde sejam reconhecidos e valorizados como pessoas, como trabalhadores com uma função social digna. Que as suas falas sejam levadas em conta, como a de seus professores. Que sejam considerados como interlocutores que podem ser escutados, pelo muito que têm a dizer (PAIVA, 1997, p. 5).

Isso implica refletir sobre as práticas dos educadores da EJA que superem o ato de transmitir informações, visto que essa modalidade de ensino ainda é ancorada em propostas curriculares pautadas mais na transmissão de conhecimentos concebidos como verdadeiros do que na “[...] reflexão dos conteúdos apresentados: aos alunos lhes é transmitido um mundo feito, não um mundo em processo de construção e representação, o que desmotiva a curiosidade e o interesse deles” (GONZÁLEZ REY, 2008, p. 31).

A partir dessa compreensão, torna-se imprescindível repensar novas formas de entendimento das relações que se estabelecem entre educação, escola e trabalho, pois o desenvolvimento dos jovens e adultos não se reduz ao estrito processo de escolarização, sobretudo é necessário que se reconheça que

a luta pelo direito a educação implica, além do acesso à escola, a produção do conhecimento que se dá no mundo, da cultura e do trabalho e nos diversos espaços de convívio social, em que jovens e adultos seguem constituindo-se como sujeitos” (MACHADO, 2009, p. 18).

Há necessidade de a relação existente entre educação, escola e trabalho deve ser compreendida, visto que os alunos atendidos nessa modalidade de ensino são excluídos da escola e do mundo do trabalho. Segundo Lima Filho (2010) é indispensável que haja uma integração entre trabalho e educação. Assim, a categoria trabalho é visualizada como dimensão ontológica e histórica do homem e com isso “[...] se constituem processos contraditórios de construção e de alienação de sujeitos sociais, é que podemos entender a

categoria trabalho como fonte de produção e apropriação de conhecimentos e práticas” (LIMA FILHO, 2010, p. 89).

O percurso da análise torna-se dialógico na medida em que o mundo do trabalho requer um condicionamento do mundo escolar, e este por sua vez exige uma ressignificação no sentido de ampliar seus enfoques e superar os desafios impostos pelas demandas do mercado e pela formação do homem na sua totalidade. Desse modo, uma educação de jovens e adultos

[...] orientada por tal perspectiva do trabalho, seria importante meio de refutar a “ideologia da técnica”. Isto porque situaria a tecnologia no plano das ações humanas concretas, orientadas ao processo de humanização do mundo, mediante sua ação como sujeito concreto da história, em contraposição às abstrações que acabam por situar a discussão no nível do senso comum e a conferir um fetiche à técnica e à tecnologia em si mesmas, do que resulta o processo de ideologização (LIMA FILHO, 2010, p. 90-91).

A discussão sobre a interface educação, escola e trabalho é importante para a reestruturação nos currículos das escolas da Educação de Jovens e Adultos no sentido de romper com o determinismo científico e a fragmentação do conhecimento. Sobre essa questão Gatti (2005, p. 602) diz que

A multiplicação e a fragmentação do conhecimento rebatem na educação, mas os currículos encontram ainda boa sustentação no discurso científico da modernidade, com seus conhecimentos tomados como um saber objetivo e indiscutível.

Oliveira (2007) chama atenção para as propostas curriculares das escolas que trabalham com essa modalidade de ensino, tendo em vista que há uma forte tendência à fragmentação do conhecimento e compartimentalização do conhecimento, ou seja, ocorre “[...] a organização do currículo numa perspectiva científicista, excessivamente tecnicista e disciplinarista, que dificulta os estabelecimentos de diálogos entre experiências vividas, os saberes anteriormente tecidos pelos educandos” (OLIVEIRA, 2007, p. 91).

Desse modo, os currículos das escolas de EJA permanecem “[...] enclausurados nas certezas de uma ‘ciência’ que, em nome das suas supostas objetividade e neutralidade, abdica de se comunicar com o mundo das pessoas” (OLIVEIRA, 2007, p. 91). Essa forma de organização curricular pauta-se no pressuposto da superioridade do saber científico em detrimento dos saberes produzidos no senso comum, saberes adquiridos nas práticas sociais. Além disso, não visualiza a possibilidade da tessitura do conhecimento em rede e os saberes escolares tendem a ser organizados e trabalhados com os alunos seguindo uma linearidade lógica do mais simples para o mais complexo.

Nessa mesma linha de pensamento, Cunha (2012) assegura que, no contexto contemporâneo, é imprescindível que as propostas curriculares voltadas para a Educação de Jovens e Adultos contemplem os saberes produzidos a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, rompendo com o formalismo. Para tal intento “[...] devem-se conceber as práticas curriculares na EJA como espaço de criação, produção de saberes, e não apenas como um momento de aplicação de currículos pré-fabricados” (CUNHA, 2012, p. 116).

Nesse processo é fundamental implementar ações educativas que possibilitem renovar os sistemas escolares de forma que seus atores trabalhem em uma perspectiva reflexiva de modo a “[...] inovar os conteúdos e a organização escolar de modo que se faça uma vinculação estreita entre escola e trabalho, teoria e prática” (STÊNICO; SILVA, 2016, p. 345).

Assim como Almeida (2017), acredita-se que, apesar de algumas conquistas alcançadas, que trazem em seu bojo o fortalecimento da Educação de Jovens e Adultos como direito fundamental para os trabalhadores, muitas intervenções necessitam ser realizadas no sentido de garantir o acesso, a permanência e a conclusão da escolaridade dos jovens e adultos no âmbito da escola, para que se torne verdadeiramente inclusiva.

Questões como respeito às diferenças, à organização de um currículo sistematizado coletivamente e que valorize os saberes produzidos pela classe trabalhadora estão no centro do debate sobre as transformações provenientes das mudanças tecnológicas contemporâneas, pois repercutem diretamente nas escolas da Educação de Jovens e Adultos.

Considerações Finais

O estudo demonstra que o mundo contemporâneo apresenta determinadas características e demandas peculiares que fazem do ato educativo cada vez mais complexo e plural. Nesse contexto são exigidas a construção de novas estratégias, a reconstrução de novos saberes no sentido de desenvolver indivíduos jovens e adultos capazes de responder às exigências individuais e coletivas de sobrevivência diante do acelerado processo de transformações científicas e tecnológicas.

O cenário eminentemente dinâmico dessas sociedades revela que a escola se encontra em um processo de constituição como forma principal e dominante de educação. Apesar de caracterizar-se como instituição que pode contribuir para moldar as pessoas, não se pode ignorar seu poder transformador, visto que nela estão formados seres

humanos dotados de inteligência, de capacidades, preferências, expectativas que se traduzem em respostas individuais e coletivas, tornando-se espaço onde pode haver uma formação “omnilateral” do homem (SAVIANI, 2007), ou seja, locus de desenvolvimento das potencialidades, habilidades e competências para atuação no mundo contemporâneo.

O texto ora apresentado expressa inquietações a respeito das interfaces existentes entre escola e trabalho e as interferências dessa relação na educação de jovens e adultos. As discussões revelam a importância de a escola considerar as experiências construídas pelos alunos jovens e adultos nas suas relações de trabalho, resgatando os diferentes papéis que desempenham no contexto social em que estão inseridos. Precisam ser vistos como seres concretos e plurais de múltiplas dimensões, compreendidos a partir de sua condição de: trabalhadores, homens, mulheres, brancos, negros, índios etc.

O respeito às diferenças, a organização de um currículo sistematizado coletivamente que valorize os saberes produzidos pela classe trabalhadora estão no centro do debate sobre as transformações provenientes das mudanças tecnológicas contemporâneas, pois repercutem diretamente nas escolas da Educação de Jovens e Adultos.

Referências

ALMEIDA, Adriana. A política de inclusão educacional e a proposta inclusiva do programa de integração da educação profissional para jovens e adultos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 35, 2017.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio(org). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica: SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

BARCELOS, Valdo. Formação de professores (as) para educação de jovens e adultos: cada menestrel com seu parangolé. In: GUSTSACK, Felipe; VIEGAS, Moacir Fernando; BARCELOS, Valdo. (Org.) **Educação de jovens e adultos: saberes e fazeres**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

_____. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**: Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB N° 9394**. Brasília, 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Emenda Constitucional nº 59**. Brasília 11 de novembro de 2009.

CARVALHO, Marília Gomes de. Tecnologia e sociedade. In: BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida (Org). **Revista tecnologia e interação**. Curitiba-PR: CEFET -RJ, 1998. p. 89-102. (Coletânea Educação e Tecnologia CEFET –RJ).

CHRISTOFOLI, Maria Conceição Pillon. A sala de aula como espaço rico de aprendizagem ou do óbvio. In: SCWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CUNHA, Djanira do Espírito Santo Lopes. **Educação de jovens e adultos: tensões e interações entre o currículo e a prática pedagógica**. Orientadora: Maria da Glória Carvalho Moura. 142p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

DEAQUINO, Carlos Tasso. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. As contradições da relação entre escola e trabalho. In: FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Tradução Tomás Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FLECHA, Ramón; TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação no século XXI: desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola produtiva: um (re)exame da educação e estrutura econômica social capitalista**. 3 Ed. São Paulo: Cortez-autores associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea).

GALLO, Silvio. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 551-565, set./dez. 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. Pesquisa, educação e Pós-modernidade: Confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O sujeito que aprende desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmen V. Rosa (Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas-SP: Alínea, 2008.

JARDILINO, José Rubens Lima; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e prática**. São Paulo: Cortez, 2014.

KANT, Immanuel. **Sobre a educação**. Piracicaba: Unimep, 1996.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

LIMA FILHO, Domingos Leite. A “era tecnológica” entre a realidade e a fantasia: reflexões a partir dos conceitos de trabalho, educação e Tecnologia em Marx. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, número especial, p. 83-92, ago. 2010.

MAIA, Christiane Martinatti. Educação de jovens e adultos: dilemas e possibilidades? In: SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana (Orgs.). **Saberes e singularidades na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos no Brasil pós- lei nº 9394/96: possibilidade de constituir-se como política pública. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 82, p.17-39, nov. 2009.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politécnic e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. v. 20 n. 63, out./dez. 2015.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Teorizando a prática, construindo a teoria, um diálogo com a incerteza**: desafios para o professor da Educação de Jovens e Adultos. 317f. Tese de doutorado em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

_____. Educação de jovens e adultos: que educação é essa? **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, n.16, p. 51-64, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar**, Curitiba/UFPR, n. 29, p. 83-100, 2007.

PAIVA, Jane. Desafios à LDB: Educação de Jovens e Adultos para um Novo Século? In: ALVES, Nilda; VILLARDI, Raquel (Orgs.). **Múltiplas Leituras da nova L.D.B. Rio de Janeiro**: Qualitymark/Dunya Ed. 1997.

PARO, Vítor. **Escritos sobre a educação**. São Paulo: Xamã, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n. 34, p. 152-165, 2007.

SOUZA, João Francisco de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Organizadores José Batista Neto e Eliete Santiago. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

STÊNICO, Joselaine de Godoy; SILVA, Joyce Mary Adam de. Educar para a empregabilidade: desafio ou obrigação? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 13, n.30, 2015.

TACCA, Maria Carmen V. Rosa. Estratégias pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, Maria Carmen V. Rosa (Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas-SP: Alínea, 2008.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Maria do Socorro Ferreira Rabelo*

Submetido em 09/07/2018

Aprovado em 03/03/2020

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)